

# Assim na tela como no Céu

Aposta quente para o Oscar, o thriller 'Conclave', ambientado no Vaticano, encerra festival com uma arrebatadora atuação de Ralph Fiennes



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

Seja pela ambientação vinculada aos signos do cristianismo, seja por seu clima de mistério, o thriller "Conclave" - que vai encerrar o cardápio de estreia do Festival do Rio 2024 amanhã, em sessão às 21h45, no Odeon - evoca "O Nome da Rosa" (1986). O cult de Jean-Jacques Annaud, baseado em Umberto Eco (1932-2016), não fez parte do rol de referências

explícitas do diretor germânico Edward Berger na concepção de sua narrativa sobre bastidores da sucessão papal num Vaticano acossado por ameaças terroristas. É difícil, apesar disso, não lembrarmos de Sean Connery (1930-2020), de batina, investigando crimes no seio da Igreja, diante da batalha moral empreendida por um cardeal ungido pelo óleo da retidão (Ralph Fiennes, devastador) a fim de escolher o novo sumo pontífice em meio a uma guerra de egos. O contexto eleitoral que poderia, no máximo, render um drama sobre disputas de ego vira um eletrizante suspense sobre jogos de poder nas mãos do realizador de "Nada De Novo No Front", o ganhador do Oscar de Melhor Filme Internacional de 2023.

"Eu me pautei pelo cinema



**Ralph Fiennes brilha no papel de um cardeal em meio às intrigas do processo de escolha de um novo papa**

político americano dos anos 1970, principalmente na obra de Alan J. Pakula (diretor de "Todos os Homens do Presidente"), cuja linguagem jamais seguia uma gramática de plano x contraplano e, sim, apostava em longas tomadas de câmera que só mudavam o foco quando a premissa pedia", disse Berger ao Correio da Manhã no Festival de

San Sebastián, na Espanha, onde seu suspense ecumênico disputou a Concha de Ouro.

Com base em romance de Robert Harris, "Conclave" expõe o avanço de uma direita xenófoba, sexista e homofóbica rondando a passagem de bastão no seio eclesiástico dos arredores de Roma, após a morte do Papa. Uma escolha errada

para ocupar o lugar de Sua Santidade pode resultar num retrocesso capaz de dar fim a todos os avanços que a religião católica esboçou (ou tentou esboçar) na luta para expiar seus pecados. Em meio à troca de estadista, uma estratégia digna de uma partida de "War" (famoso jogo de tabuleiro) se estabelece conforme o sacerdote Thomas Lawrence (papel de Fiennes) assume a tarefa de conduzir os votos de seus colegas. Tem muito sacerdote querendo essa vaga, como a raposa velha Tremblay (John Lithgow), o moderado Bellini (Stanley Tucci, sempre afiado), o ascendente Adeyemi (Lucian Msa-mati) e o mais perigoso de todos, o fascista Tedesco (Sergio Castellitto, em avassaladora atuação). Em meio a eles, uma freira (Isabella Rossellini, na mais sólida interpretação de sua carreira) parece saber segredos que podem alterar o destino do Vaticano. Ao avaliar o perigo que o espreita, Thomas diz: "Certeza é o inimigo da unidade. Certeza é o inimigo da tolerância".

"Fiennes é um ator que, na quietude, permite que a gente mergulhe em sua alma", disse Berger ao Correio. "Querida que o filme fosse ancorado nos dilemas do personagem dele e lavasse o público a sentir o embrulho em seu estômago".

"Conclave" atualmente dispara nas principais listas de apostas para os prêmios da temporada de Oscar, com um oceano de elogios para Isabella e Fiennes.

Divulgação

## É um pássaro? Um avião? Não, é Christopher Reeve

Com duas sessões agendadas neste fim de semana, uma no sábado, às 17h, no Estação NET Gávea 2, e outra no domingo, às 16h15, no Kinoplex São Luiz 4, "Super/Man: A História de Christopher Reeve" é construído a partir dos fragmentos do discurso mítico que a cultura pop cria ao transformar pessoas em celebridades.

Dirigido por Ian Bonhôte e Peter Ettedgui, o longa costura imagens de arquivo do astro (nascido em 1952 e morto em 2004) consagrado no papel de Clark Kent, o Homem de Aço, em 1978.

Sua narrativa analgésica revive seus feitos - como bom intérprete e como ativista de causas

humanistas - num ensaio documental sobre o quão vulnerável a vida pode ser. Uma das passagens mais tocantes da produção diz respeito à amizade entre Reeve e Robin Williams (1951-2014), que recebeu do mais famoso intérprete do Super-Homem ajuda para enfrentar sua dependência química. (R.F.)



**O documentário costura imagens do astro que ficou tetraplégico ao cair do cavalo durante uma competição de hipismo, um de seus hobbies**